REQUERIMENTO Nº _____ , DE 2019
(Do Sr. David Miranda e da Sra. Áurea Carolina)

*Requer a realização do XVI
Seminário LGBTQI+ do Congresso
Nacional.*

Senhora Presidente,

Requeremos, com base no artigo 24, XIII combinado com 32, XXI do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a realização do XVI Seminário LGBTQI+ do Congresso Nacional, no dia 27 de junho de 2019.

JUSTIFICAÇÃO

Em 28 de junho, comemora-se o Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+. A data é um marco da luta pelos direitos da população LGBTQI+, em razão de um episódio conhecido como Levante de Stonewall, que aconteceu nas primeiras horas da manhã de 28 de junho de 1969, no Stonewall Inn, bar no bairro de Greenwich Village, em Nova York, nos Estados Unidos.

Naquele dia, um grupo de lésbicas, travestis, gays, bissexuais e *drag queens*, muitas delas afrolatinas, enfrentaram o aparato repressivo do Estado e iniciaram uma rebelião que lançaria as bases para o movimento pelos direitos civis desta população nos Estados Unidos e no mundo. O confronto durou seis dias e foi uma resposta às ações arbitrárias da polícia,

que frequentemente promovia batidas e revistas humilhantes em bares da cidade.

Nesses cinquenta anos, desde o Levante de Stonewall, a população LGBTQI+ continua a sofrer grande discriminação e perseguição por sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Se por um lado, é possível contabilizar vitórias, por outro, a violência, institucional ou perpetrada nas ruas ainda é uma realidade em muitas partes do mundo. Atualmente, a homossexualidade é crime em 73 países e 13 dessas nações preveem pena de morte.

No Brasil, o movimento LGBTQI+ também ganhou força a partir dos anos 70, em meio à ditadura militar (1964-1985), enquanto o Estado monta aparato de controle moral para reprimir, censurar, perseguir, deter arbitrariamente e assassinar pessoas lidas como “subversivas”, de comportamento “desviante” ou “anormal”. Ou seja, ainda que não fossem necessariamente “comunistas”, essas pessoas também foram severamente vitimadas pela ditadura. E esta é a memória que agentes públicos têm insistentemente tentado negar e apagar.

De acordo com os dados de 2017 do Grupo Gay da Bahia (GGB), um LGBTQI+ é assassinado a cada 19 horas em território brasileiro. É importante destacar que esse monitoramento é realizado por estudiosos e militantes numa tentativa de lutar contra a invisibilidade dos dados oficiais, visto que as instituições públicas do país não possuem estatísticas consistentes sobre essa população, no que tange à demografia e também às violências sofridas.

Até 1985, o Conselho Federal de Medicina considerava a homossexualidade um "desvio ou transtorno sexual". A Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças somente em 1990. Teorias médicas e psicológicas trataram durante décadas a homossexualidade como uma doença mental que poderia ser

curada através de métodos de tortura, como a castração, a terapia de choque, a lobotomia e os estupros corretivos.

Somente em 2018 a Organização Mundial de Saúde deixou de classificar como “doença mental” a transgeneridade e a questão das identidades de gênero. Esse foi um passo decisivo para despatologizar definitivamente as identidades trans, mas estas ainda permanecem sendo tratadas como “incongruência de gênero” e são alvo constante de desinformação, difamação e ódio.

Paradoxalmente, a promoção de direitos avançou no Brasil por meio do Poder Judiciário, nas figuras do casamento civil igualitário, da adoção, da alteração do registro de nome e de sexo. Contudo, ainda hoje, têm força na sociedade e no Parlamento teorias que buscam legalizar a imposição da violência e do sofrimento por meio de terapias de reversão ou da chamada “cura gay”, proibir discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas, censurar manifestações artísticas e até criminalizar a utilização de banheiros por pessoas trans.

A realização deste XVI Seminário, portanto, que felizmente se consolida como uma tradição do Parlamento Brasileiro, é uma excelente oportunidade para deputados e deputadas eleitas, bem como a sociedade em geral, acessarem a atualidade dos debates LGBTQI+, estabelecerem diálogos legislativos e se comprometerem com a defesa dos direitos civis, sociais e trabalhistas, das liberdades e do respeito à diversidade e à dignidade humana.

No que tange a esta Comissão de Cultura, reforçamos a importância de que esta Comissão participe do evento, não somente por se tratar de uma data comemorativa mas, sobretudo, pela relevância de se proteger a livre expressão da cultura e produção artística LGBTQI+, pelo direito à informação, à memória e à verdade histórica.

Sala de Reuniões, 09 de março de 2019.

**Deputado David Miranda
PSOL-RJ**

**Deputada Áurea Carolina
PSOL-MG**